

O projeto iconográfico na Iniciação Cristã: uma urgência?

Ms. Pe. Diego Willian dos Santos¹

Resumo: Observa-se a tomada de consciência, acerca da importância da Iniciação à Vida Cristã, na Igreja da América Latina, sobretudo, após a ênfase dada sobre esse assunto, na Conferência de Aparecida, em 2007, e o Documento 107, Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários, da CNBB, publicado em 2017. Entretanto, essa Iniciação, requer um espaço celebrativo, que contemple a celebração dos sacramentos e, ao mesmo tempo, a dimensão da mistagogia, como um caminho fecundo para o discipulado. Sendo assim, o presente artigo versará sobre a urgência de se pensar um projeto iconográfico, que auxilie nesse caminho mistagógico de Iniciação à Vida Cristã e inserção na vida da comunidade eclesial. Para tal, a argumentação aqui apresentada, será baseada na pesquisa metodológica, tomando o referencial teórico existente. Buscará fundamentar a necessidade e importância, de se redescobrir o espaço celebrativo como lugar da manifestação do Transcendente, e não um espaço meramente decorativo. Urge, portanto, revisitar o caminho mistagógico, vivenciado pela igreja primitiva, para dela haurir inspiração para compor um espaço litúrgico adequado e coerente com as celebrações que nele se desenvolvem.

Palavras-chave: 1. Projeto iconográfico. 2. Mistagogia. 3. Espaço celebrativo. 4. Sacramentos.

INTRODUÇÃO

Constata-se a importância do tema acerca da Iniciação à Vida Cristã, para a Igreja como um todo e de modo particular na Igreja no Brasil. A Conferência de Aparecida, em 2007, no seu Documento de Conclusão, verificou a urgência em formar discípulos missionários de Jesus Cristo. Na esteira do pontificado do Papa Francisco, não se pode descuidar também da dimensão missionário desse seguimento, pois o discípulo é chamado constantemente a sair para as periferias do mundo para anunciar o seu Senhor. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), atenta aos sinais dos tempos, em sua Assembleia Geral de 2017, aprovou um Documento intitulado: Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários, Documento de número 107 da CNBB. Ao falarmos em Iniciação à Vida Cristã, tocamos também nos sacramentos dessa mesma Iniciação, que por sua vez exigem um lugar para a sua celebração. O presente artigo abordará a temática da Iniciação à Vida Cristã, dentro do espaço celebrativo, tendo como base o projeto iconográfico de todo o edifício. Partindo de um referencial teórico, abordar-se-á os lugares de celebração que os sacramentos exigem. A importância do projeto iconográfico na Iniciação, os espaços celebrativos e o edifício cristão como um caminho mistagógico. Por fim, a conclusão, visa chamar a atenção para a urgência, de se elaborar um projeto iconográfico, como parte integrante do processo de Iniciação à Vida Cristã.

¹ Mestre em Teologia pela PUC-SP. Membro pesquisador do grupo de pesquisa: Religião, história e arte, do Laboratório de Comportamento, Política e Mídia (LABÔ), da PUC-SP. E-mail: dwspuc@gmail.com

1 SACRAMENTOS E SEUS LUGARES DE CELEBRAÇÃO

Cristo Jesus ao instituir os apóstolos, e enviá-los após a sua ressurreição, deu uma ordem de que os mesmos pregassem o Evangelho a toda criatura, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo (cf. Mt 28,19). Paulatinamente os sacramentos foram se desenvolvendo, ao mesmo tempo, em que se seus ritos e celebrações foram sendo sistematizados. Dessa maneira, a compreensão eclesial foi de que haveria a necessidade de um lugar específico para a celebração de cada sacramento

Assim o espaço celebrativo foi aos poucos se desenvolvendo, a partir daquilo que a comunidade precisava para organizar a sua celebração. Da *domus ecclesia*, em que já havia espaços bem delimitados para as funções realizadas, passando para o estilo basilical, tendo como referência alguns espaços públicos, os lugares para os ritos se estabeleceram de forma ordenada. Nas palavras de Pastro: “o lugar da celebração reflete bem a Nova Jerusalém. São espaços onde o Paraíso foi aberto, recuperado pelo próprio Cristo, o Novo Adão [...] todo espaço sagrado é a nova Jerusalém que desceu do céu. É o lugar da revelação onde a comunidade convocada o celebra” (PASTRO, 2006, p. 26).

Partindo do pensamento de Pastro, o espaço não é um mero lugar de reunião de pessoas. Não serve apenas para abrigar do sol, da chuva, ou do frio. Outrossim, constitui uma fonte reveladora do Mistério de Deus, que se faz presente no meio da sua assembleia reunida. Ali o Mistério se revela, se dá a conhecer e convida a entrar na dinâmica de uma vida de comunhão.

Dessa forma o lugar da celebração do Batismo é diferente do lugar da celebração da Eucaristia, ou mesmo da Reconciliação. O ambiente da sacristia, difere do átrio, assim como o lugar da Proclamação da Palavra, não é o mesmo de onde se dirige admoestações à assembleia. O espaço celebrativo manifesta uma Presença, que comunica uma nova vida. Partindo dessa concepção do espaço que comunica uma Presença, é que pensar um projeto iconográfico que possibilite esse encontro, se faz necessário e imprescindível.

2 O PROJETO ICONOGRÁFICO

O edifício deve conduzir ao Mistério, favorecer a acolhida da Presença que vem ao encontro do fiel. Nesse aspecto o projeto iconográfico é fundamental, para que a construção não se torne uma obra comum, que não conduz ao mistério, ou que repete esquemas ideológicos contrários à reforma litúrgica proposta pelo Vaticano II. Vale ressaltar, que a ausência do projeto referido, pode resultar em igrejas que contém diversos estilos, na sua maioria distintos, que geram verdadeiras aberrações litúrgicas e teológicas.

De acordo com Pastro, o edifício sagrado, deve revelar Cristo em nós:

É a ‘visualização’ daquilo que se celebra; é a ‘visualização’ do invisível presente entre nós, isto é, ‘onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou no meio deles’ (Mt 18,20). Portanto, das paredes às

pinturas, das alfaías às vestes, do material do piso ao do altar (e am-bão, sédia, e batistério), das imagens à nossa postura (corpo-imagem), tudo compreende o programa iconográfico. Se o que celebramos é Cristo, tudo deve revelar o Cristo em nós (PASTRO, 2008, p. 75).

Partindo do excerto acima, se percebe que no espaço celebrativo, o que está posto tem uma função de conduzir para o mistério, não sendo apenas uma mera decoração ou um enfeite. Entretanto, o espaço de celebração também não pode ficar à mercê do gosto pessoal de uma pessoa, ou de um grupo, todavia deve sempre se pautar pelos documentos da Igreja, que após o Concílio Vaticano II, buscaram refletir, de maneira mais ampla, a importância do espaço e como concebê-lo.

Ao pensar a Iniciação à Vida Cristã, deve se ter em mente, que não apenas a catequese e posteriormente os sacramentos, são necessários para que ela aconteça. Todavia o processo de Iniciação exige uma mudança de mentalidade da paróquia como um todo, portanto, toda a comunidade precisa ser agente da Iniciação. Dos encontros de formação, à secretaria paroquial, passando pelas salas de catequese e demais dependências da paróquia, chegando ao edifício igreja, tudo deve estar a serviço dessa Iniciação.

Dessa maneira o espaço celebrativo onde se desenvolverá a acolhida, os ritos que antecedem a recepção dos sacramentos, e os lugares da celebração propriamente dita, devem favorecer a manifestação da Presença de Deus. Veremos agora alguns desses ritos e seus respectivos lugares.

3 A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ: O RITO NO ESPAÇO CELEBRATIVO

3.1 ÁTRIO

A Iniciação à Vida Cristã, mais do que apenas administrar sacramentos, quer celebrá-los. Contudo, a Iniciação visa também a inserção da pessoa à família de Deus, ao corpo dos batizados, que agora fazem parte do Corpo de Cristo. Sendo assim a acolhida da pessoa na Igreja, constitui um momento de suma importância. Essa acolhida se dá num espaço que se denomina átrio ou adro.

De acordo com o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos: “Os candidatos com seus introdutores e os fiéis podem reunir-se quer fora do limiar da igreja, quer no átrio ou na entrada” (RICA, n. 73). Esse gesto sinaliza que a pessoa ainda não faz parte da Igreja, mas que ao procurá-la, será agora acolhida por ela. Dentro do processo de desenvolvimento antropológico, a acolhida faz com que a pessoa se sinta parte, daquele grupo, comunidade, ou família. Por isso a acolhida expressa para a pessoa que ela é bem-vinda naquele lugar.

Sendo assim, deve haver na igreja um lugar que manifeste essa acolhida: o átrio, que nas palavras de Pastro:

É o espaço para os “*goiim*”, para os não cristãos, para os “pagãos” rezarem a seu modo – é o espaço do outro e, por isso, deve ser belo, pois trata-se também de uma zona de transição, de “passagem entre dois mundos”. É o espaço da purificação. Aí é a porta no espaço d’Aquele que nos santifica e nos envia ao espaço “do mundo” (PASTRO, 2014, p. 32).

Recebido na comunidade e marcado com o sinal da cruz, a pessoa será convidada a tomar parte na assembleia celebrante, e embora ainda não tenha recebido os sacramentos, já assumirá seu lugar, junto dos demais fiéis.

3.2 INGRESSO NA IGREJA

Após o rito de acolhida, o RICA sugere: “Se o rito de acolhida tiver sido feito à porta da igreja ou outro local, quem preside, com um gesto, convida os catecúmenos a entrar com os introdutores na igreja: Entrem na igreja, para participar conosco na mesa da Palavra de Deus” (RICA, n. 90). Aqui se realiza uma pequena procissão, onde a pessoa, acompanhada do ministro ordenado, da sua família, catequistas e membros da comunidade, adentram o edifício, como igreja peregrina ao encontro do seu Senhor.

A pessoa não apenas é acolhida, mas é acompanhada. Nas palavras do Documento 107: “mais do que entrar na Igreja, o crente é acolhido por ela” (CNBB, 2017, n. 105). Percebe que esse caminho de fé, não será trilhado sozinho, mas acompanhado pela presença e oração dos demais irmãos. Sendo agora convidada a tomar parte no lugar dos fiéis, perceberá de modo mais enfático que possui um lugar, que é seu, nessa assembleia.

3.3 LUGAR DOS FIÉIS

O fiel possui um lugar específico dentro do edifício, um espaço que externa que ele é sujeito da celebração e não mero expectador. O lugar que ele ocupa, manifesta a expressão de todos os membros. Nas palavras de Moraes:

Essa porção da assembleia litúrgica é a mais rica em diversidade e a que melhor representa a universalidade da Igreja, se pensarmos em celebrações dominicais nas igrejas das paróquias. Ali estão representados o passado, o presente e o futuro: os que estão por nascer, as crianças, os adolescentes, os jovens, os adultos, os idosos e, na memória, os falecidos, nossos antepassados na fé. Ali estão representados várias condições sócio-econômicas; ali podem estar até mesmo os que estão impedidos de participar plenamente da eucaristia (portanto da Igreja) por interdições canônicas ... Em meio ao grupo dos fiéis estão os que padecem todo tipo de enfermidade. Várias culturas e nacionalidades ... Os fiéis são uma amostragem do mundo inteiro (MORAES, 2009, p. 83).

Todos têm o seu lugar, e esse deve manifestar de modo pleno a diversidade e ministerialidade do Corpo de Cristo. Nele se escuta a Palavra de Deus, e se celebra o Deus vivo. Não deve ser confundido com um auditório, uma sala de espera, ou simplesmente um ambiente para acomodar as pessoas.

3.4 MESA DA PALAVRA

Do seu lugar, o fiel escuta a Palavra proclamada num monumento pascal: o ambão. Moraes enfatiza: “O significado de ‘ambão’ deriva do verbo grego *anabainein*: subir. Presente na liturgia desde o século IV, sua estrutura foi sempre a de um lugar elevado para melhor projetar a voz na proclamação dos textos sagrado” (MORAES, 2009, p. 130).

Desse monumento pascal se proclama a Ressurreição, a Páscoa do Senhor, a vitória da vida sobre a morte, do bem sobre o mal. O fiel assim, é alimentado nessa mesa que lhe mostra o quanto ele é amado por Deus. Nesse espaço, o primeiro anúncio (querigmático) é aprofundado e amadurecido.

3.5 EM TORNO DA PALAVRA

A Igreja não vive sem a Palavra, ao contrário, por ela deve se deixar educar. Desse modo, é em torno dessa mesma Palavra, que ela realizará os outros ritos que enriquecem o processo de Iniciação à Vida Cristã. Os escrutínios, a entrega da Palavra, as unções, a purificação e a iluminação, a entrega do símbolo apostólico, bem como a entrega da oração do Senhor e a eleição, acontecerão ao redor da mesa da Palavra, pois todos esses ritos possuem ligação estreita com essa mesma Palavra.

Ao longo da Sagrada Escritura se percebe como Deus escolheu o seu povo e fez uma aliança com ele (cf. Ex 19-20). A libertação operada pelo Senhor que constitui para si um povo (cf. Ex 14), lhe entrega a sua lei (cf. Ex 20), e o acompanha na caminhada rumo a terra prometida. Deus unge seus reis e profetas, lhes dando do seu Espírito. Ao falar por meio de seu Filho (cf. Hb 1,2), ensina o povo a chamá-lo de *abbá* Pai (cf. Rm 8,15).

A partir da experiência da ressurreição e derramamento do Espírito, a fé vivida, será sistematizada tendo como fundamento os apóstolos. Todo esse itinerário, conduzirá o fiel à fonte batismal que o fará filho de Deus. É por essa razão que o ambão é um monumento pascal, não uma mera estante, um púlpito, ou um lugar sem valor. Mas deve ser um memorial permanente da Palavra de Deus que na Igreja ecoa.

3.6 FONTE BATISMAL

O fiel acolhido na Igreja, marcado com o sinal da cruz, tendo assumido seu lugar na assembleia dos fiéis, sendo formado pela Palavra, eleito, ungido, iluminado e purificado, chegará com alegria à fonte batismal. Segundo Moraes:

“A construção de batistérios se mostrou uma necessidade elementar para os cristãos, uma vez que no ritual do batismo estava o ponto inicial de pertença à Igreja. Tomou-se como tipo a ‘casa de banho’ dos romanos, sendo então necessariamente uma grande sala com uma piscina ao centro” (MORAES, 2009, p. 151).

O batismo é por sua natureza e por sua etimologia, um banho. Segundo Moraes: “Temos segurança da existência de batistérios a partir do início do século III, quando a celebração do batismo acontecia somente na noite de Páscoa ou na Vigília de Pentecostes” (MORAES, 2009, p. 151).

Assim é importante ressaltar que paulatinamente a fonte batismal, foi dando lugar a pia batismal, até chegarmos a bacia e a jarra, muitas vezes de plástico. A água em abundância cedeu lugar para um pouco de água derramada na cabeça da pessoa, que não remete a verdadeiramente um banho que limpa da imundície, e faz ressurgir a vida nova. Urge resgatar a fonte batismal como sinal eloquente, dessa limpeza e adoção, que Deus realiza mediante o banho batismal.

3.7 CRISMA

O batizado é também crismado, ungido pelo Senhor. De acordo como RICA essa unção pode acontecer junto à própria fonte batismal, ou no presbitério (cf. RICA, n. 227). Seu caráter está associado ao sacramento do Batismo: “A Crisma complementa a configuração do batizado a Cristo e encaminha-o para a participação na Eucaristia” (CNBB, 2017, n. 130). A Crisma marca o fiel com o selo do Espírito Santo e o direciona para o banquete da Eucaristia.

3.8 MESA DA EUCARISTIA

Da mesa da Palavra o fiel passa para a mesa da Eucaristia. Dessa maneira, outro monumento pascal imprescindível para a Iniciação Cristã, será o altar, que a reforma litúrgica realizada pelo Concílio Vaticano II, colocou como centro do espaço celebrativo. Tendo em vista que o modelo para o espaço celebrativo é a Eucaristia, Pastro afirma:

O altar é Cristo, centro de todo edifício [...] O altar é o lugar do mistério pascal. O próprio Senhor entrega-se em banquete pascal para a liberdade e vida da comunidade eclesial. É o altar que dá razão ao espaço celebrativo cristão e sacraliza tudo e todos que o envolvem (PASTRO, 2014, p. 68).

Nessa mesa o batizado é alimentado pelo próprio Senhor que se entrega no seu Corpo e no seu Sangue. Tendo sido formado pela Palavra e convidado à uma vida de comunhão, o batizado tomando parte no banquete da Eucaristia, descobrirá que a sua vida é uma vida de comunhão, com Deus e com os irmãos. Aqui se atinge a plenitude da Iniciação à Vida Cristã, pois a Eucaristia completa esse itinerário formativo e sacramental.

3.9 AXIALIDADE ESCATOLÓGICA

A axialidade escatológica, será percebida pelo fiel, que passando pelas águas do batismo, entrando para a vida da Igreja, ocupa o seu lugar como fiel, que escuta a Palavra, e se aproxima do altar, onde é alimentado na mesa da Eucaristia. Mas a sua meta é a Jerusalém Celeste, onde Cristo está! De acordo com Tommaso: “a cada celebração litúrgica, acontece esse encontro do Cristo com seu povo, o céu desce para a terra. Esse é um fator fundamental na compreensão do sentido iconográfico, que deve ser preparado para receber a Presença” (Tommaso, 2017, p. 191). Assim a axialidade escatológica será percebida na fonte batismal, posta próxima a entrada do edifício, e o Cristo Pantocrator presente na outra extremidade, na abside.

É preciso que o projeto iconográfico contemple na abside um ícone do Pantocrator, da cena da Transfiguração (cf. Mc 9,2-8), ou alguma outra passagem que revele a Jerusalém Celeste (cf. Ap 21), a fim de que o fiel não se esqueça há que é chamado. Recordando perene-mente a meta de sua vida, buscará orientar toda a sua existência nessa terra, de modo a participar da vida eterna. Por essa razão é que o edifício cristão constitui um caminho mistagógico no itinerário da Iniciação Cristã e um prolongamento/ aprofundamento da fé recebida no batismo.

4 EDIFÍCIO CRISTÃO: UM CAMINHO MISTAGÓGICO

Ao projetar o edifício-igreja, não se deve concebê-lo, como um mero espaço onde as pessoas irão se reunir. É preciso estar atento, pois, a finalidade do edifício é propiciar um encontro com uma Presença. Sendo assim, nas palavras de Pastro: “A arte sacra é mistagógica. A arte litúrgica em sua constituição é a própria teologia e liturgia em formas, cores, sons ... E nos conduz para dentro do Mistério, muito além de uma mera questão estética e um discurso racional” (PASTRO, 2013, p. 22).

O projeto iconográfico, e mais precisamente a arte sacra no espaço celebrativo, prepara o fiel para acolher a Presença, ao mesmo tempo, que o conduz ao Mistério. Ainda de acordo com Pastro:

O lugar celebrativo dos cristãos é um espaço mistagógico, onde aprendemos continuamente a ser cristãos (educação da fé) – é a Palavra, oração objetiva que filtra a nossa mente e nosso coração e limpa o nosso subjetivismo psicológico. Porém, acima de tudo, é o lugar do memorial Pascal (PASTRO, 2008, p. 65).

Assim, é de fundamental importância entender que o edifício cristão como um todo deve manifestar a grandeza de Deus, ao mesmo tempo, em que será um grande evangelizador, mesmo que no momento em que a pessoa o adentre, nele não esteja sendo celebrado nenhum sacramento. O próprio edifício será um ícone dessa Presença de Deus. Moraes, tratando dos momentos pascais, enfatiza:

O sentido mais profundo do ambão, fonte batismal e altar é serem ícones, imagens que encerram e revelam a vocação cristã. Enquanto construções relativamente independentes entre si no espaço, convém aproximá-los do tipo monumento. Ambão, fonte batismal e altar são concretamente monumentos da Pascoa do Senhor. *Monumentum* procede do verbo latino *monére*: advertir, fazer recordar, instruir. É justamente o que esses três elementos devem realizar dentro da assembleia litúrgica na sua função e estrutura: uma anamnese do Cristo e da vida do cristão (MORAES, 2009, p. 127).

Eles são monumentos pascais porque recordam ao cristão aquilo que ele é, e o que é chamado a ser. Não são objetos, ou móveis, que param em si mesmo, não obstante, são sinais do mistério pascal, que se manifesta, em cada detalhe da construção. Como monumentos pascais, são também elementos mistagógicos, que propiciam um aprofundamento daquilo que nesses lugares foi celebrado. De acordo com a Conferência dos Bispos do Brasil:

O processo continua por uma ação pastoral mistagógica, muito importante para os nossos dias. A mistagogia é uma progressiva introdução no mistério pascal de Cristo, vivido na experiência comunitária. Papel importante, nesse processo de imersão, desempenham as celebrações litúrgicas e o aprofundamento dos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã (Doc 107, n. 60).

A conversão pastoral da paróquia como um todo, fomentará a pastoral mistagógica, que continuará conduzindo o fiel para um amadurecimento da sua fé, bem como o formará como discípulo missionário de Jesus Cristo. A linguagem simbólica e ritual, constituirá um celeiro fértil, para que tal amadurecimento possa acontecer, fazendo o fiel em questão entrar nessa dinâmica da vida relacional com Deus.

CONCLUSÃO

Tendo percorrido o itinerário de Iniciação à Vida Cristã o fiel, agora membro da Igreja, recolherá na própria Igreja o aprofundamento para a sua vivência batismal, considerando que, a Iniciação é um processo de amadurecimento, ao longo de toda a existência. Dessa maneira, o edifício igreja, mistagógicamente organizado, será de auxílio para os neófitos e toda a comunidade, que ao se reunirem num ambiente iconograficamente estruturado, conseguirão nele, acolher a Presença do Invisível.

É preciso superar, nas palavras de Andrea Grillo, o mínimo necessário, para se dar o máximo gratuito (cf. GRILLO, 2017, p. 66), no que concerne a celebração dos sacramentos, lembrando que Deus é sempre abundante e generoso. Urge também, superar a mentalidade anterior ao Concílio Vaticano II, que não visa uma verdadeira Iniciação à Vida Cristã, mas acentua o clericalismo e o devocionismo.

Nesse sentido, é urgente que a comunidade eclesial, ao recuperar a Iniciação à Vida Cristã, tenha consciência de que o espaço celebrativo, realizado mediante um projeto iconográfico, favorece o encontro e acolhida da Presença de Deus, ao mesmo tempo, em que contribui para um amadurecimento da Iniciação ao longo de toda a existência. O projeto iconográfico nesse sentido, não é um detalhe, um adorno, ou um enfeite, mas sim uma urgência.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2006.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Iniciação à vida Cristã*: itinerário para formar discípulos missionários. Documento da CNBB 107. Brasília: Edições CNBB, 2017.

GRILLO, Andrea. *Ritos que educam*: os sete sacramentos. Coleção Vida e Liturgia da Igreja. Brasília: Edições CNBB, 2017.

MORAES, Francisco Figueiredo de. *O espaço do culto à imagem da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009.

PASTRO, Cláudio. *Guia do espaço sagrado*. Ed 5. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. *Imagens do Invisível*: na arte sacra de Cláudio Pastro. São Paulo: Loyola, 2013.

_____. *O Deus da beleza*: a educação através da beleza. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. *Teologia do espaço*. São Paulo: Grafa editora, 2006.

RITUAL DE INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS. Ed 7. São Paulo: Paulus, 2011.

TOMMASO, Wilma Stegall de. *O Cristo Pantocrator*: da origem às igrejas no Brasil, na obra de Cláudio Pastro. São Paulo: Paulus, 2017.